

Carta sobre as questões actuais

I I

Eu sei que nem todos são desta opinião. Na Itália, ha massas de operários, sobretudo entre os anarquistas, os sindicalistas e em parte os social-democratas, que são absolutamente contra qualquer participação da Italia nesta guerra. Todos elles teem as suas sympathias pela Belgica e pela França, e detestam a Alemanha e a Austria, mas são contra a intervenção não só do governo, mas ainda de voluntários italianos.

Isto explica-se, evidentemente, pelo estado actual da Italia, depois da guerra na Tripolitania. Temem os trabalhadores, provavelmente, que uma agitação causada para o envio de voluntários em socorro da França e da Belgica (como o aconselhava De Ambris aos sindicalistas) permita ao governo envolver-se na guerra, e neste momento a intervenção poderia ser fatal para a Italia. De facto comprehende-se que, dada a desorganização actual do exercito depois da guerra de Africa, a falta de artilharia e munições, e o exgotamento do Tesouro, os italianos que amam a sua patria, considerem a guerra impossível.

Compreende-se a attitude dos italianos, mas isso não impede de se prever que d-ssa attitude podem resultar consequencias perigosas. Pela sua recusa de se juntar á Alemanha e á Austria, a Italia tem na Alemanha um inimigo mortal que aproveitará a primeira occasião para realizar a *invasão ha muito preparada*, da Italia setentrional e para se apoderar de Trieste e de Pola para o imperio alemão.

Quanto aos grupos pouco numerosos de antimilitaristas profundamente convictos, na França e na Suissa, que, negando a guerra em geral, recusam apoiar um ou outro dos combatentes e entre os quais tenho alguns dos meus melhores amigos, elles cometem a meu ver um erro. As suas sympathias são para o povo belga e o povo francês. O proprio facto de uma invasão e da pillagem dum povo pelos exercitos doutro, é odioso para elles. Mas a guerra, dizem, é um mal, e por isso não a querem nem pró nem contra a Alemanha.

Não notam porém uma coisa: é que a guerra actual está em via de abrir uma nova pagina na historia da Europa. Ela apresentou a todos os povos novos problemas de reconstrução social. Na Russia, na Inglaterra, na França fez brotar novas fontes de vida social. Já não são sómente exercitos que combatem: são nações inteiras. Toda a vida destas raças disso se resente. Concluída a paz, mais cedo ou mais tarde, uma massa de problemas de reconstrução interior se levantará. E então,

durante essa reconstrução, a vida passará ao lado daqueles que não procuram ser homens de acção e sobretudo de iniciativa, quando os destinos dos povos estavam na balança sobre os campos de batalha.

Sem duvida, a guerra trouxe questões muito dolorosas. Mas as coisas não poderiam dar-se duma maneira mais simples?

Seria difícil explicar porquê, mas o facto é que por toda a parte se esperam grandes resultados desta guerra. Espera-se que ela ponha termo ao engrandecimento dum poderoso estado militar no centro da Europa, ameaçando todos os vizinhos. Pensa-se que se iniciará uma era nova de desenvolvimento pacífico: os horrores da guerra manifestaram-se tão odiosamente nestes dois meses que ela perdeu o seu antigo prestigio; e despojou-se d'esse caracter de "Juízo de Deus", que lhe attribuia a fé popular e de que falou Proudhon. Emfim, o facto de ter misturado as classes numa catastrophe comum e de as ter unido até um certo grau num esforço comum, não passará sem deixar vestígios, pois contém os germens duma vida mais unificada...

O fim do regime pessoal na Alemanha, o desenvolvimento da Austria, a aurora duma vida nova para as pequenas nacionalidades eslavas, a Polonia emfim reconstituída e livre do pesadelo dum jugo de cento e cincoenta anos... Que coisas se não esperam desta guerra?

Sem duvida devemos alegrar-nos por a opinião publica lhe attribuir tais fins. Por pouco que elles se realizem, sempre haverá um começo de realização, qualquer que seja o resultado das batalhas.

Mas é preciso tudo isto para determinar a nossa attitude? Não são já bem evidentes os fins immediatos?

Quando Garibaldi, já velho e ferido em Aspromonte, apellou em 1870 para os seus companheiros d'armas para irem em socorro da Republica francesa contra os invasores alemães, não procurou problemas mundiais que motivassem o seu gesto. Não attribuia á guerra virtudes que ela não possui para estimular o seu ardor e o dos seus camaradas. A França lutava pela liberdade contra a opressão imperial e o seu dever era colocar-se ao lado da liberdade, como fizera sempre.

Evidentemente elle não interviria na guerra de 1866 entre a Prussia e a Austria, porque não reconhecia nem a uma nem a outra o direito de dominar a Alemanha; tão pouco interviria numa guerra entre dois Estados com o fim de assegurar a um deles o direito de conquistar qualquer territorio na Africa ou na Asia. Mas tomou parte naquella guerra porque depois da queda de

Napoleão III, a guerra outro fim não tinha para os alemães que a conquista, e porque o direito e o progresso estavam do lado da França.

Vemos agora reproduzir-se a mesma situação. Os acontecimentos d'estes ultimos dois meses provam quanto é necessario despedaçar essa força que faz guerra aos vizinhos sob o pretexto de que a Alemanha tem *necessidade* das suas terras e das suas colonias,—de que para vencer a França ella *tinha necessidade* de fazer passar os seus soldados pelo territorio belga, quando a Belgica, se tivesse consentido que os alemães o fizessem, *deixaria de existir como Estado independente*: tornar-se-ia vassala da Alemanha e poderia como tal ser conquistada pela França, pela Alemanha ou mesmo pela Holanda.

Mas, uma vez tendo decidido passar pela Belgica, os alemães afirmavam que tinham o "direito" e mesmo a "santa missão" de pôr a ferro e fogo os campos regados com o sangue e o suor dos camponeses belgas. Podiam e deviam, diziam elles, fazer em ruínas as cidades e saquear as casas. Mais ainda: declaravam-se no direito de exterminar homens, mulheres e crianças, desde que qualquer civil ousasse defender a sua casa contra uma invasão, o que—segundo a propria lei alemã—era um acto de banditismo, pois que calcavam aos pés o primeiro artigo de todo o direito internacional (e do direito privado)—a inviolabilidade dum territorio neutro.

Pedro Kropotkine.

O parlamento? Ah! não me falem nisso. É uma maquina singular: mete-se um burro, sae um deputado; faz-se o deputado ministro, torna a sair o burro.

Fialho d'Almeida.

A vontade do país

Diz-se que os *nossos* dirigentes politicos, na proxima eleição geral, farão falar o povo soberano pouco mais ou menos do modo seguinte:—evolucionistas, 80 deputados; unionistas, 30; governamentais, 30; e democraticos, 20. Esta bela fraternidade é que os socialistas invejosos não podem vêr. E, ao que consta, preparam já o seu mais altivo protesto, reclamando pelo menos o dobro da sua numerosa representação actual. Ou comem todos ou ha de haver moralidade! Achamos muito bem.

O criterio da opinião publica: se fujo da acção sou um egoista; se a procuro sou um intrigante.

Valtour.

Dicionario subversivo

C.

(Continuação)

CADERNETA OPERARIA — Documento official, por meio do qual o que se pretende, no dizer de Manuel Ribeiro, não é identificar o operario com a profissão, é tê-lo em dia com a ordem.

CALMA — Dona a que certos propagandistas fazem namoro... porque mostra a verdadeira força, conquista a opinião publica, conduz á victoria, etc.

CANALHA — Assim a riqueza impudente chama á plebe. Mas — escreve o sr. Mayer Garção — vão á historia, arranquem d'ela a canalha, e a historia tornar-se-á apenas o arquivo vil do despotismo, da exploração, da cobardia e da baixaza.

CANTICOS DE JESUS. — É' uma obrazinha beata, escrita com um lirismo equivoco, quasi torpe, que dá á oração a linguagem da luxuria... É' excitante; tem as eloquencias do erotismo, todas as pieguices da devoção; encaderna-se em marroquim e dá-se ás confessadas; é a cantarida canonica! — (Eça de Queiroz).

(Continúa)

Nn.

Um inquerito

Os socialistas e a monarchia

Na sua carta ao agente do *companheiro* D. Manuel de Bragança, o socialista graduado que era o sr. Ladislau Batalha, indicava a maneira pronta e perfeita de obterem a chancela do operariado para as suas manigancias e especialmente para o negocio do bairro economico, que já tinha entre mãos. Era nada menos que isto. El-Rei ou a comissão iniciadora officava á comissão executiva do Congresso Nacional Operario, pedindo-lhe a nomeação de um delegado e indigitando logo o nome d'ele, Ladislau.

E não ficava por aqui o *artista*. Para que não houvesse entre o operariado vozes discordantes, que, por menos que se fizessem ouvir, sempre seriam molestas e perturbariam o seu rico trabalho, ou porque não lhe sobejasse a audacia para a *bela* empresa e sentisse a necessidade de guarda-costas, lembrava que se expusesse tambem o assunto aos sindicalistas, os quais tinham a representação de muitas classes!

Referindo-se a essa sua carta, chama-lhe o sr. Batalha um *documento honroso para elle* e que *o nobilitava aos olhos do operariado*. É' de força o actual colaborador da restauração monarchica!

Limitamo nos hoje a esta recordação. Doutra vez concluiremos com o depoimento-confissão de que houve ligações secretas dos socialistas com a monarchia,—facto por demais suficiente para qualquer entidade operaria voltar ao abandonado inquerito.